

Nos portões, lápides e cruzeiros das almas: Rituais de Umbanda e multiplicidade cultural no cemitério público Santo Antônio, em Vitória- ES

Barbara Thompson, Universidade Federal da Bahia- UFBA

Resumo:

Este artigo analisa rituais umbandistas que são realizados no cemitério Santo Antônio, localizado em Vitória-ES. O objetivo é compreender quais rituais umbandistas são realizados neste cemitério, percebendo como a umbanda capixaba atua em um espaço funerário e utiliza esta espacialidade como elemento estruturador de práticas ritualísticas. Os rituais ocorrem em três espaços do cemitério, os quais são: os portões, lápides e cruzeiro das almas. O cemitério Santo Antônio foi construído no início do século XX, sendo o mais antigo da cidade e formado por monumentos que exaltam as identidades de políticos notáveis da história capixaba. Ademais, nota-se neste espaço funerário a significativa presença de simbolismos católicos como santos e anjos. Assim, questiona-se como a umbanda, uma religião marginalizada, visto que invoca identidades de grupos invisibilizados, como caboclos e negros, se utiliza de um espaço público como o cemitério, sendo este um lugar que se ergueu com valores da burguesia e do catolicismo? O artigo enfatiza os conceitos de espaço público a partir dos autores DaMatta (2000) e Serpa (2004), para revisitar e atualizar a leitura de dados etnográfico sobre rituais umbandistas no cemitério. Tais dados foram coletados no meu mestrado, que se realizou nos anos de 2015 e 2016, sendo a pesquisa concluída no ano de 2017. Em suma, o cemitério torna-se campo de disputa, de multiplicidades e hibridismos entre forças sociais, e essas forças buscam perpetuar sua história e memória através de monumentos fúnebres e rituais à entidades espirituais.

Palavras-chaves: Cemitério; Rituais; Umbanda

Abstract:

This article analyzes Umbanda rituals that are performed in the Santo Antônio cemetery, located in Vitória-ES. The goal is to understand which Umbanda rituals are performed in this cemetery, realizing how the Umbanda Capixaba acts in a funerary space and uses this spatiality as a structuring element of ritualistic practices. The rituals take place in three spaces of the cemetery, which are: the gates, tombstones and souls cruise. The Santo Antônio cemetery was built in the early twentieth century, being the oldest in the city and formed by monuments that extol the identities of notable politicians of the history of Espírito Santo. Moreover, in this funerary space, we note the significant presence of Catholic symbolisms such as saints and angels. Thus, one wonders how Umbanda, a marginalized religion, since it invokes identities of invisible groups, such as caboclos and blacks, uses a public space such as the cemetery, which is a place that has risen with values of the bourgeoisie and Catholicism? The article emphasizes the concepts of public space from the authors DaMatta (2000) and Serpa (2004), to revisit and update the reading of ethnographic data on umbandist rituals in the cemetery. These data were collected in my master's degree, which took place in 2015 and 2016, and the research was completed in 2017. In short, the cemetery becomes a field of dispute, multiplicity and hybridism between social forces, and these forces. They seek to perpetuate their history and memory through funeral monuments and rituals to spiritual entities.

Keywords: Cemetery; Rituals; Umbanda

INTRODUÇÃO

A presença de rituais umbandistas em um cemitério capixaba é o tema central deste artigo. O cemitério monumental é um lugar de memória e também lugar ritualístico, de forma que diversas práticas religiosas encontram terreno fértil para se manifestar neste local. Em Santo Antônio, bairro periférico da cidade de Vitória- ES está o cemitério público mais antigo da região, o qual é conhecido como Cemitério Santo Antônio. Além disso, é o único da cidade que possui alto número de monumentos fúnebres que caracterizam parte da história capixaba. Neste local ocorrem rituais umbandistas com significativa frequência, de forma que considera-se relevante tornar esses ritos um objeto de estudo.

Obtive conhecimento sobre estes ritos umbandistas em 2015, momento em que iniciei uma pesquisa de mestrado sobre rituais religiosos e práticas de religiosidade que ocorriam no túmulo da Cigana Adélia Kostichi, uma entidade de umbanda famosa por realizar graças para aquelas pessoas que lhe pedem auxílio. Neste contexto, apesar de descrever ritos umbandistas, a Umbanda não foi tema central da dissertação de mestrado e por isso, na minha pesquisa de mestrado existiram lacunas e análises rápidas sobre a atuação da umbanda no espaço fúnebre e este artigo almeja justamente diminuir tais lacunas.

Além disso, em pesquisa bibliográfica recente não localizei estudos sobre rituais umbandistas em cemitério pelo Brasil. Por outro lado, há literatura sobre os usos ritualísticos que a umbanda faz de espaços públicos como encruzilhadas e praças. Dias (2019) é uma autora que apresenta esta temática evidenciando que as oferendas umbandistas entregues nestas áreas públicas são frequentemente alvos de preconceitos. Assim, torna-se necessário a confecção de trabalhos que possam fazer análises sobre as interconexões entre a umbanda e o espaço do cemitério. É necessário refletir como a umbanda se apropria das necrópoles, que são um dos espaços públicos que compõe a cidade, permitindo refletir sobre democratização de espaços, visto que em outros espaços públicos da cidade, como nas ruas e encruzas, a umbanda é menosprezada.

Diante da baixa e quase inexistente produção de obras sobre rituais de umbanda no cemitério o objetivo deste artigo é entender quais são os tipos de rituais umbandistas que

proliferam no espaço do cemitério Santo Antônio e analisar as relações entre umbanda e este espaço funerário público. Rodrigues (1983) registra que O cemitério com a aparência que conhecemos hoje começou a surgir a partir do século XIX. Durante a Idade Média até os anos de 1700 e 1750, construíam-se igrejas para estabelecer um cemitério. São os denominados enterros ad sanctos, isto é, dentro da Igreja e nas suas proximidades. Neste contexto, nos túmulos da população não havia o registro da individualidade do morto.

Em 1850, um discurso urbanístico e médico- higienista pautado na ciência proibiu enterros no interior das Igrejas, e promoveu a laicização do cemitério, o qual foi afastado do território da Igreja e das cidades. Porém, para amenizar a distância física entre cemitério e igreja símbolos católicos como santos, anjos e cruz eram monumentos que compunham a paisagem do novo cemitério. Ademais, quando o cemitério deixa de estar ao redor da Igreja, e se aproxima de um panorama mais laico, isso ocorre no período de fortalecimento da burguesia, a qual utiliza o campo dos mortos para manter a identidade individual dos mortos ilustres. Essas identidades são preservadas através de epitáfios, monumentos, fotografias.

Em síntese os cemitérios brasileiros atuais, e nisso está incluso o cemitério de Santo Antônio, são espaços historicamente constituídos em uma base católica e hoje se mantêm densamente utilizado por católicos. Além disso, tem monumentos que retratam a memória de uma elite, logo é paradoxal e intrigante que neste mesmo local ocorram ritos umbandistas que evocam a imagem e memória de grupos invisibilizados como negros e indígenas, os quais são representados como preto velhos, caboclos e exus. Portanto, indaga-se como a umbanda, uma religião socialmente marginalizada, se apropria do cemitério, que é um lugar que se constituiu com valores da burguesia, do catolicismo e de exclusão social? Esta questão nos incita a pensar que após o surgimento oficial da umbanda no início do século XX, o cemitério torna-se território de umbandistas e católicos, possibilitando o surgimento de fusões e disputas entre essas duas religiões.

O conceito de espaço público dos autores DaMatta (2000) e Serpa (2004) são as teorias centrais que auxiliam na compreensão das características do cemitério de Santo Antônio como ambiente público e como a umbanda pode auxiliar na construção de espaços que sejam acessados de forma pública. Em segunda instância há o uso de concepções auxiliares

como: hibridismo em Hall (2003), Bhabha (2010) e Canclini (2011). A confecção deste trabalho se pauta na releitura e análise mais aprofundada de dados etnográficos coletados durante a realização da minha pesquisa de mestrado entre os anos de 2015 e 2017.

O artigo está estruturado em três tópicos, e o ponto inicial será abordar sobre as concepções umbandistas acerca do cemitério e como isto deriva de hibridismos entre rituais do catolicismo e da umbanda que ocorrem no cemitério. Em um segundo momento evidencio os principais traços das entidades que recebem oferendas nos portões, lápides e cruzeiros das almas. E por fim, destaco os principais elementos que formam os rituais umbandistas, compreendendo os materiais ofertados, a sequência de gestos executadas e os objetivos ritualísticos desenvolvidos no cemitério Santo Antônio.

1-O cemitério como calunga pequena: uma perspectiva umbandista

Visões ocidentais atuais concebem o campo dos mortos como lugar de medo e/ou repulsa. Rodrigues (1983) já destacará o tabu da morte, ressaltando a dificuldade da cultura ocidental contemporânea em aceitar a finitude corpórea. A morte e os cemitérios desenvolvem uma espécie de lembrança incômoda e inconveniente sobre o padecimento do corpo físico. Apesar das visões negativas acerca das necrópoles, há sociedades, como a brasileira, que desenvolvem fecundas relações com os mortos. Levi- Strauss (1957, p. 244, apud DaMatta 2000, p. 100) expõe que há duas atitudes que guiam as relações entre uma sociedade e seus mortos. A primeira postura é deixar os falecidos descansarem, já a outra ação é a sociedade utilizar o serviço que os mortos prestam, desenvolvendo uma relação em que vivos canibalizam os mortos.

Evidencio que tais relações entre mundos pode ocorrer em um local específico, isto é, no cemitério. DaMatta (2000) aponta que no Brasil a crença em almas no purgatório é relevante de forma a possibilitar a existência de um dia específico para rezar por essas almas, que é na segunda-feira. O mesmo autor diz que outra data popular para se comunicar com os mortos é o Dia de Finados, comemorado em 2 de novembro. Ressalto que, essas duas datas são de origem católica e propiciam o deslocamento dos brasileiros aos cemitérios. DaMatta (2000) narra que no Brasil a morte é uma passagem de um mundo para o outro e indica a metáfora da subida ou descida dos mortos. Gilberto Freire (1977 p.84, apud DaMatta 2000, p 105) diz que os mortos estão abaixo dos santos e acima dos

vivos. Pela perspectiva de DaMatta na cosmologia fúnebre brasileira os mortos fazem aparições, e outras formas de contato, com o objetivo de pedir e oferecer coisas, se estabelecendo, assim, um verdadeiro comércio entre vivos e mortos.

Um dos elementos que compõem essa cosmologia nacional são as concepções umbandistas sobre cemitérios e mortos. A Umbanda desenvolve um culto aos antepassados, ou seja, as entidades e realizam o contato com pessoas que tiveram uma vida terrena e agora estão fisicamente mortas, porém continuam vivos no mundo espiritual. Estas entidades dialogam com o mundo da matéria por meio das oferendas que podem ser entregues no cemitério que é concebido pelos umbandistas como um ponto de força. Para a Umbanda o cemitério é um lugar sagrado, pois é a morada de orixás e entidades. Na umbanda há inúmeros locais que são entendidos como ponto de força, locais onde o divino atua mais densamente, há por exemplo, a praia que é o ponto de força de iemanjá. O cemitério é chamado de calunga pequena pelos umbandistas e por outro lado o mar é a calunga grande, ou seja, cemitério grande. Entre os entrevistados, durante a pesquisa de mestrado, há relatos que o mar é um cemitério devido ao expressivo número de africanos que morreram em navios negreiros que se deslocaram da África até o Brasil.

Além da umbanda integrar a cosmologia fúnebre brasileira há também a presença do catolicismo que é outra religião que possui significativo papel na relação entre vivos e mortos no Brasil. A visão umbandista acerca do cemitério deriva majoritariamente, mas não exclusivamente, de um hibridismo da umbanda com rituais católico que são realizados nas lápides e outros locais cemiteriais como o cruzeiro das almas.¹ Para os católicos o cemitério é local de tristeza e saudade e permite homenagear e se aproximar dos entes queridos que faleceram. Os católicos realizam orações, oferta de velas, flores aos mortos e especialmente no dia 02 de novembro limpam as lápides.

Percebe-se que atualmente existe a presença mais significativa de duas religiões no cemitério Santo Antônio, a umbanda e o catolicismo. Mas destaca-se que estas duas religiões se apropriaram do cemitério em períodos históricos diferenciados. Sabe-se que a umbanda se institucionalizou como religião no início do século XX, mais precisamente em

¹ É um local no cemitério onde está uma grande cruz branca e aos pés desta cruz as pessoas acendem velas para todas as almas.

1908, portanto, é uma religião recente e se apropriou recentemente do cemitério. Todavia, o catolicismo surge no Brasil em 1500, a partir da colonização portuguesa, e esta implanta no solo brasileiro o modelo de cemitério que se desenvolveu até ser o cemitério monumental da atualidade. O fato de o cemitério sair fisicamente dos arredores da Igreja Católica entre o final do século XIX e início do XX permitiu ao campo sagrado adquirir uma certa liberdade, uma vez que possibilitou a diferentes cidadãos professarem credos diversificados nesse ambiente social. A Umbanda e outras religiões puderam adentrar e atuar no espaço do cemitério, ressignificando-o e transformando-o em local ritualístico, onde oferendas serão entregues a entidades e divindades diversas.

Soma-se a essa questão religiosa o fato que o cemitério, ao se afastar do território da Igreja, se tornou lugar de valorização da memória de uma elite social, a qual tinha condições financeiras de produzir monumentos fúnebres que tinham por objetivo eternizar a biografia da elite. Nesse cemitério repleto de ostentação à memória sobre a elite, a umbanda inicia um processo transgressor ao fazer rituais que evocam a memória de negros escravizados, os pretos velhos, orixás do culto africano, destacando a memória de entidades que caracterizam a margem social brasileira. Conclui-se que a partir do século XX a umbanda capixaba se apropria simbolicamente do cemitério monumental de Santo Antônio e o ressignifica estabelecendo aproximações e distanciamentos com os símbolos católicos e elitistas que fundaram este cemitério

A umbanda capixaba se apropria simbolicamente do cemitério ao utilizar 3 locais para fazer rituais, os quais são: cruzeiro das almas, as lápides e os portões. Estas três áreas são consideradas como pontos de passagem, de trânsito, são portais onde os mortos acessam e dialogam com o mundo dos vivos. Esta forma de conceber os locais do cemitério foi constantemente relatado durante as entrevistas feitas entre 2015 e 2016. Tais concepções de “espaços que atuam como portas” são a base de sustentação da ação daqueles que vão até o cemitério fazer rituais para entidades espirituais. Início descrevendo o cruzeiro das almas como um local formado por uma grande cruz branca, que é posicionada de maneira vertical e aos pés desta cruz oferendas são entregues. No cemitério Santo Antônio há dois cruzeiros, o primeiro é nomeado de cruzeiro da linha branca e localiza-se na parte baixa, o primeiro piso e área nobre do cemitério, indica acessibilidade e visibilidade. Já o outro cruzeiro é conhecido como cruzeiro de exu ou linha preta e integra à parte alta, acima do 4

plano, área periférica e escondida, indicando invisibilidade e distanciamento. Em apenas alguns cemitérios, há mais de um cruzeiro e quando isso ocorre um desses cruzeiros torna-se lugar de cultos periféricos, tornando-se um espaço com relativa liberdade.

Nas entrevistas, os visitantes do cemitério criam uma dicotomia ao diferenciar os dois cruzeiros: entre “cruzeiro branco”, do bem em que ocorre o culto às almas que se iluminaram, e “cruzeiro do mal”, em que ocorre o culto a Exu. O candomblecista Leonardo respondeu que, quando entra no cemitério vai até o canto das almas iluminadas que estão livres do purgatório, que, no caso, é o cruzeiro da linha branca. E depois visita o cruzeiro lá de cima, das almas que estão perdidas, e poder dar uma luz para elas. Para os umbandistas entrevistados os dois cruzeiros simbolizam a conexão com as mais variadas almas, entidades. A cruz simboliza o cruzamento de forças, junção dos quatro elementos, terra, fogo, ar e água, a cruz é o encontro e a união do alto, do baixo, da esquerda e da direita, do céu com a terra. passagem entre os planos. O cruzeiro possibilita cultuar as almas que estão no cemitério Santo Antônio e também com aquelas que foram enterradas em outros cemitérios. É um espaço que permite dialogar com exus, pretos-velhos, permitindo contato com um maior número de almas. Por isso o cruzeiro atrai um número maior de frequentadores.

Outro lugar de grande relevância para os umbandistas capixabas são as catacumbas/lápides. Todas as lápides podem se tornar um local ritualístico, todavia os túmulos mais visitados por umbandistas são túmulos monumentais do primeiro plano do cemitério, em especial o túmulo da Cigana Adélia, do marujo Wilson e do erê Fernandinho. Na visão dos entrevistados o túmulo simboliza a passagem do mundo da matéria, para o mundo espiritual. Há também a possibilidade de cultuar entidades de umbanda, os exus, que tem a lápide como ponto de força. Muitos monumentos fúnebres do cemitério Santo Antônio retratam anjos, Jesus, a sagrada família e santos católicos, e torna-se interessante perceber que a umbanda pode ser utilizar destes túmulos repletos de simbologia católica e ressignifica tais símbolos de forma a tornar esses túmulos locais de oferendas à exus, confeccionando um rico panorama de hibridismos. Por último, abordo sobre os portões do cemitério Santo Antônio, e destaco que existem três portões, um principal, um na rua lateral, e o outro é um antigo portão no qual não é mais utilizado. Nos três casos são portões altos e são integralmente formados por grades de ferro que permitem

ver a parte interna do campo dos mortos, portanto dialogam com o mundo dos vivos uma vez que não impede que transeuntes vejam a parte interna da necrópole. Tais locais simbolizam fronteiras entre o mundo da vida e o mundo da morte.

Nota-se que o cemitério é um espaço que abriga múltiplas cosmologias, e se torna um lugar de disputas simbólicas e também de hibridismos, onde a umbanda, uma religião socialmente marginal, se caracteriza como uma resistência cultural justamente devido sua capacidade de permanecer atuante em um espaço que há predomínio de um sistema simbólico hegemônico, como o catolicismo. A coexistência da cosmologia católica e umbandista no cemitério caracteriza um contexto de multiplicidade cultural que consiste na variedade/diversidade de hábitos, costumes e práticas e tradições num mesmo espaço físico e nesse contexto há muita possibilidade de hibridismos e trocas simbólicas entre aqueles que compartilham o mesmo espaço. Assim, a multiplicidade cultural no campo dos mortos indica fusão e também respeito a diferença. Esta multiplicidade envolve a presença da cultura negra, indígena e branca.

Nesse panorama de multiculturalismo torna-se necessário detalhar o conceito de hibridismo e como este processo pode gerar resultados positivos e/ou negativos. A autora Sousa (2012) descreve uma interessante perspectiva sobre os prós e contras da hibridização cultural e se utiliza de Hall (2003), Bhabha (2010) e Canclini (2011). Ela descreve que Hall e Homi Bhabha caracterizam que o hibridismo a partir de negociações culturais ambivalentes e antagônicas, pois as trocas entre grupos se constituem a partir de relações assimétricas de poder. Assim, os envolvidos no processo encontram-se em posição de legitimidade diferenciadas. Por consequência há choques embates, controle e poder. A partir desta perspectiva, compreendo que o hibridismo entre práticas ritualísticas umbandista e católicas no cemitério Santo Antônio pode gerar a permanência da hegemonia católica e o apagamento de valores da cultura negra manifestos na umbanda. Assim, o contato com o catolicismo pode tornar a umbanda cada vez mais branca. Por outro lado, Canclini concebe o hibridismo a partir de um ângulo mais positivo, entendendo o multiculturalismo como espaço dialógico que permite a valorização das diversidades culturais. Este autor aponta que países de primeiro mundo são influenciados por bens-simbólicos Latino-Americanos. Dessa forma, é possível pensar que a umbanda tem poder

de influenciar o catolicismo de forma que as trocas simbólicas entre essas duas religiões, ao menos no espaço do cemitério, seja pautada em uma negociação mais justa.

Argumento que o catolicismo também é afetado e se mistura com a umbanda, incorporando hábitos e pensamentos existentes no culto aos orixás e entidades de umbanda. Pode-se destacar como exemplo, o culto a mortos especiais (Cigana, Wilson e Fernandinho) que ocorre no cemitério Santo Antônio, pois estes mortos foram associados à entidades de Umbanda e também são cultuados por católicos. Assim, católicos cultuam uma entidade de umbanda durante o tradicional Dia de Finados, uma festividade de origem católica. Porém, a umbanda é quem mais tem habilidades de síntese, de absorver novas práticas e é muito mais híbrida que o catolicismo.

A notória presença da umbanda no cemitério Santo Antônio torna este espaço um ambiente público e local de circulação de diferentes valores, local da diversidade, pois entende-se que a umbanda é influenciada pelos rituais católicos realizados no cemitério ao mesmo tempo em que é capaz de influenciar essa mesma ritualidade católica. A umbanda está presente no cemitério ao resignificar e incorporar novas visões aos tradicionais ritos católicos executados no cruzeiro das almas e nas lápides, especialmente durante o dia de finados. E, além disso, os umbandistas inovam ao utilizarem os portões do cemitério como lugar ritualístico e de contato com o mundo espiritual. Compreende-se que um cemitério público é de uso comum, de todos, tem livre acesso, configurando-se como um bem público. O cemitério de Santo Antônio se propõe a ser de todos, mas argumento que o uso coletivo deste local se consolida apenas com a atuação umbandista que traz novas visões religiosas pautadas numa matriz afro-brasileira e evoca a memória de espíritos que representam diferentes classes da sociedade brasileira.

O geógrafo Angelo Serpa (2004) desenvolveu estudos acerca da apropriação social do espaço público, analisando como que diferentes grupos têm acessibilidade física e simbólicas a um espaço que é de todos. Torna-se válido enfatizar que os espaços públicos urbanos são: as ruas, praças, e prédios como escolas, universidades, hospitais, bibliotecas, e os cemitérios. O mesmo autor enfatiza que o adjetivo público se refere a algo que pertence a todos, logo é coletivo e pode ser acessado de forma generalizada e sem restrições. O autor Francesco Indovina (2002) apresenta os principais parâmetros que permitem entender

o quanto um espaço pode ser público. Segundo ele há três pontos a serem levados em consideração: 1- os limites do uso, 2- o custo de acesso, 3- os condicionamentos do uso. Portanto, um espaço é público quando há universalidade de seu uso, isto é, todos podem usufruir do espaço, não há limitações em seu uso. Ademais, o local pode ser acessado de forma gratuita, e não há condicionamentos que limitam a ocupação e apropriação deste lugar. Portanto, estas são as características que melhor definem o que é um espaço público.

O cemitério de Santo Antônio, e qualquer outra necrópole que estiver no Brasil, será um local público ao permitir a atuação de práticas ritualísticas de diversas religiões. Em Santo Antônio, isto é uma verdade, pois especialmente no dia dois de novembro este cemitério torna-se palco que permite que inúmeras religiões se manifestem. Por exemplo, umbandistas, deixam oferendas no cruzeiro e nas lápides, católicos rezam por seus entes queridos e pelas almas no purgatório, presbiterianos ofertam uma palavra de consolo para amenizar a dor da morte, evangélicos fazem coral. Ademais, o cemitério também é público no sentido de possibilitar a presença de diferentes seres espirituais, se tornando um universo permeado de inúmeras entidades e divindades.

2- Entidades e Orixás de umbanda no cemitério: povo de rua, linha das almas e Obaluaê

O cemitério Santo Antônio é formado por monumentos que exaltam as identidades de políticos notáveis da história capixaba, assim há destaque para a perpetuação da história da elite branca e um silenciamento a respeito da memória da população negra e pobre. Por outro lado, a umbanda se apropria do cemitério fazendo rituais que exaltam identidades marginais de pretos velhos e exus, e também valoriza os orixás, divindades de matriz africana. Dessa forma, a umbanda torna o cemitério um local coletivo e democrático, onde variados espíritos, que em vida foram pessoas de todos os níveis sociais, são dignas de serem homenageados e lembrados, sendo tratados de forma respeitosa. Em entrevistas constatei que os orixás que atuam no cemitério são omolu-obaluaê, iansã das almas, nana, ogum mege e ogum de ronda. E as entidades deste campo de força são os pretos velhos (linha das almas) e os exus. Por outro lado, especificamente no cemitério Santo Antônio há cultos nos túmulos de um erê, cigana e marujo. Mas segundo entrevistados ciganas, marujos e eres normalmente não são cultuados em cemitérios.

Os orixás estão majoritariamente associados ao portão, já os exus dominam todos os pontos do cemitério, isto é, portões, cruzeiros e lápides, e ponto principal de atuação dos pretos velhos é o cruzeiro das almas. Os rituais umbandistas são feitos ao entardecer, na hora que o cemitério fica mais deserto. A funcionária Letícia relatou que integrantes da Umbanda realizam trabalhos às segundas-feiras, sendo que eles são identificados por meio de suas vestimentas. Normalmente, eles estão de branco, usando vários colares, e chegam no fim da tarde.

Outro dado relevante é que na umbanda as entidades não são lembradas de maneira individualizada, isto é, não se faz referência a um do preto-velho específico, de nome tal que viveu na fazenda tal. De fato, até podem ocorrer alguns casos assim, porém são raros. Na umbanda o nome o Pai Joaquim de Angola serve para designar um grupo de pretos velhos. O comum é lembrar-se de uma linha de entidades, de um papel social. Assim, falanges e linhas de entidade da Umbanda são personalidades sociais, uma população e não caracterizam apenas um único indivíduo. A única exceção é o caso dos túmulos da Cigana Adélia, do Fernandinho e do marujo Wilson que são individualidades que ganham destaque e são cultuadas por umbandistas. Portanto, o panorama majoritário no cemitério Santo Antônio é o culto há uma coletividade de almas, evidenciando mais uma vez que a umbanda adota uma postura democrática da valorização de grupos. Enfatizo que a umbanda permite que inúmeros negros, escravos em vida, após a morte física se tornem entidades dignas de serem evocadas. E através do nome “preto velho” é possível valorizar a história de todos os negros que foram escravizados no Brasil.

Com o objetivo de elucidar mais detalhadamente sobre os orixás de umbanda que trabalham no cemitério, apresento as informações mais relevantes sobre essas divindades. Destaca-se que os dados foram coletados em entrevistas no cemitério. Obaluaê- Omulu, atua no portão e no cruzeiro das almas, é o orixá da renovação senhor das doenças e da cura. É homenageado no dia 02 de novembro e 16 de agosto, e seu dia da semana é a segunda. Outro orixá é Iansã das almas, também atua no portão e no cruzeiro, é a intermediária de mãe Iansã maior e conduz eguns. É homenageada em 4 de dezembro e seu dia da semana é a quarta. Nanã atua no portão e no cruzeiro, é a mais antiga de todos os orixás, sendo chamada de mãe ou avó. É homenageada dia 26 de julho e seu dia da semana

é a terça. Ogum mege atua na calçada do cemitério e no cruzeiro, pertence a linha das almas. É homenageado dia 23 de abril, e seu dia da semana é a terça feira. E por último, há o Ogum de ronda que atua no portão e cruzeiro e trabalha auxiliando os exus. É homenageado em 23 de abril e seu dia da semana é terça.

Evidencio que Obaluaê-Omulu atua mais fortemente nas segundas que é dia das almas e no dia 2 de novembro, que é Dia de Finados, sendo essas duas datas integrantes do calendário católico e absorvidas pela Umbanda. Devo destacar que alguns umbandistas enfatizam que o cemitério é ponto de força apenas de Obaluaê- Omolu, mas para outros membros da religião é possível fazer oferendas para Iansã e nanã. Os umbandistas não são uma massa homogênea, logo possuem visões particulares e diferenciadas entre si. Além disso, é notório que existem várias vertentes da umbanda, como por exemplo, Omoloko, kardecista, esotérica, entre outras. E nesse contexto de múltiplas vertentes surgem diferentes perspectivas que irão guiar as práticas umbandistas nos cemitérios. Os entrevistados no cemitério Santo Antônio em sua maioria enfatizam que Obaluaê e a entidade exu são os principais seres do panteão umbandista que atuam nos cemitérios.

Após essa breve apresentação sobre os orixás aponto sobre as entidades de umbanda que atuam no cemitério. Início descrevendo sobre a linha das almas. Segundo Joao Jorge e Leonardo, entrevistados no cemitério, o dia de entrar em contato com a linha das almas é a segunda feira. Ademais, o dia 13 de maio é o momento em que vários grupos da umbanda capixaba fazem festa a preto velho no terreiro. Alguns entrevistados definem que os pretos velhos são as entidades que compõem a linha das almas, por outro lado, ressalta-se que “linha das almas” é um termo usado pelo entrevistado Leonardo para se referir a entidades que trabalham na “linha de cemitério” e é composta por Exus e preto velhos. Ademais, Leonardo enfatizou o nome de algumas entidades de cemitério, como Exu Caveira e Mulambo das Almas.

Os pretos velhos trabalham de forma diferenciada dos exus, pois no cemitério o único local para deixar oferendas aos pretos velhos é no cruzeiro das almas da linha branca. Por outro lado, os exus recebem oferendas em portões, cruzeiros e lápides. A entrevistada Maria Cigana apontou que os pretos velhos são responsáveis por promover curas, e representam a transmutação pois ao trazerem a cura, possibilitam uma vida nova. Além disso, pretos

velhos são regidos por Obaluaê- omulu, um orixá que organiza a passagem do plano material para o espiritual, responsável pela evolução e transmutação dos seres. E devido a esta conexão com Obaluaê -omulu os pretos velhos são conhecidos por encaminharem as almas dos mortos para o plano espiritual superior.

Sobre os exus, os entrevistados relataram que a data propícia para fazer oferendas a esta entidades é na segunda feira, pois é o dia consagrado a exu. Todavia, para católicos segunda é dia das almas. Ademais, a questão de o Dia das Almas e do Dia de Exu ocorrerem na segunda-feira indica um compartilhamento simbólico entre catolicismo e Umbanda. A segunda é um dia de almas do purgatório, almas de entes queridos, dia de fazer oferendas para preto velhos, entidade Exu e mortos especiais de cemitério.

Após evidenciar que o dia de exu é a segunda feira, é interessante mencionar onde esta entidade trabalha. Conforme já foi dito anteriormente, exu pode ser cultuado nos portões, cruzeiros e lápides de cemitério. Existem nomenclaturas como exu 7 caveira, exu 7catacumba, e estes nomes são indicativos que estas entidades atuam no cemitério. No Dia de Finados, em 2016, o umbandista João Jorge relatou que: “quando eu chego, eu vou direto no cruzeiro, que a pombo gira da minha mãe de santo é Maria Padilha do cruzeiro preto”. Ele, por exemplo, tem espíritos associados ao cemitério e tem um Exu Tranca Rua das 7 Catacumbas, logo, ele deve realizar sua oferenda diretamente na sétima catacumba que houver após o portão do cemitério que ele entrar. Para Leonardo, trabalhos em cima do túmulo referem-se a pedidos ruins.

Os entrevistados relataram que Exu é da rua, da estrada, da encruzilhada. Exus são nomeados como sendo guardiões e são enquadrados como povo de rua. Destaco que a rua pode ser concebida como um campo de liminaridade, de trânsito e de passagem. A rua é um lugar de todos, de coletivos, isto é, vários grupos, é um espaço público. DaMatta (2000) diz que a rua é associada aos estados sociais liminares, como por exemplo a boemia e o carnaval. É o local do perigo, do imprevisível, do desconhecido e do movimento. Argumento que se a rua é movimento, logo o exu por ser da rua também possui essas mesmas qualidades. Em síntese, exu é associado a rua e ao cemitério, assim argumento que rua e cemitério e exu são semelhantes e se conectam à simbologia da fluidez, trânsito,

mobilidade. Exu também é da encruzilhada um lugar de encontros que permitem a manutenção das diferenças. Por isso, exu também significa pluralidade.

Exu também da esquerda e Linha da esquerda é uma terminologia umbandista que significa o agrupamento de entidade que trabalham com questões mais densas e associadas à matéria. Segundo os entrevistados, os Exus trabalham com energias mais densificadas e humanas, se conectam aos desejos humanos. O entrevistado Leonardo diz que Exu é a entidade e o orixá mais próximo do homem. Associa-se às emoções humanas, à sensualidade, ao prazer e ao mistério. Conecta-se à energia da madrugada e à jovialidade. Para Leonardo Exu é liberdade e fertilidade. É o símbolo da abertura de caminhos, criador de passagens e de transmutação. E a principal característica que define o cemitério é que é um lugar de passagem da vida física para a vida espiritual. E devido a isso, por exu ser o movimento e as passagens ele se conecta à simbologia do cemitério.

3-Os rituais umbandistas no cemitério

Cada local do cemitério (portão, lápides e cruzeiros) torna-se um ponto de força para a atuação um determinado grupo de espíritos e possibilita a realização de rituais específicos. Tais ritos dialogam com as simbologias do espaço e com os traços que formam as entidades que transitam naquele ponto de força. Portanto, espaço- entidade- rito estão intrinsecamente conectados. Torna-se relevante observar as especificidades na execução dos rituais que ocorrem em cada um desses 3 pontos de força do cemitério.

Antes de descrever como são os rituais umbandistas realizados no cemitério é válido mencionar que estes rituais são classificados como da umbanda, pois as pessoas que faziam tais ritos se auto identificaram como umbandistas e outros como espíritas. Dizer que é espírita também é uma forma de fazer referência à umbanda, uma vez que quando eu indagava a esses entrevistados em quais instituições religiosas eles iam, eles relatavam nomes de casas de umbanda, Pollak (1989) enfatiza que algumas memórias são indizíveis, proibidas ou vergonhosas. e argumento que devido a isso algumas pessoas não falam abertamente que são umbandistas devido ao medo de serem excluídas, de entrarem em mal-entendidos ou de sofrerem violência física.

Primeiramente falo dos rituais umbandistas que são realizados nos cruzeiros das almas, depois os que ocorrem nos túmulos e por fim os ritos feitos no portão.

3.1 Cruz das almas: oferendas para a linha das almas

O rito com maior expressão no cemitério de Santo Antônio é o culto às almas no cruzeiro, o qual gera um movimento contínuo de pessoas no cemitério. Conforme foi mencionado no cemitério Santo Antônio existem dois cruzeiros, o da linha branca e o da linha negra. Um tem uma cruz de pedra pintada de branco e o outro possui uma cruz pintada de preto. Pretos velhos trabalham somente no cruzeiro branco e exus trabalham no cruzeiro branco e negro. Os orixás que têm o cruzeiro como ponto de força: Obaluaê, Omulu, iansã das almas, e nana.

Umbandistas no cruzeiro branco ofertam os seguintes elementos para pretos velhos: vela branca e preta. Já as oferendas que exu recebe nesse mesmo cruzeiro são: cachaça, cerveja, charuto, velas pretas e vermelhas. No cruzeiro branco constatei também a presença de alguidar com pipoca que são entregues para Obaluaê e Omulu. Um gesto ritualístico comumente praticado nos cruzeiros é bater palmas da seguinte forma, a mão direita bate na mão esquerda 3 vezes para saudar entidade e/ou orixás no cruzeiro e em sequência poder fazer uma oferenda. Enquanto o umbandista entrega a oferenda no cruzeiro ele vai mentalizando o propósito daquele ritual. Entrevistados relataram que é possível ir até o cruzeiro branco pedir que os pretos velhos curem uma doença, pois conforme os entrevistados os orixás da cura e da doença, Obaluaê- Omulu, são a força de maior regência dos pretos velhos. Os umbandistas Leonardo e Joao Jorge afirmam que a primeira coisa que fazem após passarem pelos portões do cemitério é ir até o cruzeiro para saudar toda as almas, por isso eles e tocam no cruzeiro em sinal de respeito e como força de pedir proteção.

No caso do cruzeiro preto a maioria das oferendas entregues são alimentos, especialmente carne vermelha e galinhas, as quais são depositadas no interior de um alguidar. Mas há também farofa, charutos, cachaça; cerveja; vodca, velas pretas, vermelhas. Entrevistados relataram que nas oferendas de exu é comum encontrar carne. e segundo Joao Jorge exu utiliza o sangue presente na carne para atingir os fins ritualísticos. A carne pode ser compreendida aqui como símbolo da densidade e materialidade do mundo físico, uma vez

que corpos humanos são constituídos de carne e o sangue um expressivo símbolo da vida.

A maioria dos umbandistas entrevistados possuem uma visão dicotômica sobre os dois cruzeiros, pois consideram que o cruzeiro branco é o local para fazer rituais para o bem, limpar as pessoas de energias ruins, curar doenças e transmutar o mal, fazer o mal se tornar o bem, e em contrapartida o cruzeiro negro é o lugar do mal, onde as pessoas fazem oferendas com sacrifícios animais e com a intenção de causar doenças, pobreza, separações de casais. Coveiros relataram que os frequentadores do cruzeiro negro utilizam o cemitério quase ao anoitecer, pois neste momento não há pessoas visitando o cemitério, logo é possível fazer rituais de maneira mais discreta. Argumento que essa visão entre “cruzeiro das almas do bem” e cruzeiro das almas do mal” pode se relacionar à ideia de que no cruzeiro do bem é possível que católicos cultuem almas do purgatório, almas de entes queridos acendendo velas e enviando luz para todos os espíritos. Além disso, no cruzeiro branco também são cultuados os pretos velhos, entidades de grande luz e bondade e realizadores de curas de doenças e também encaminham as almas dos mortos. É um cruzeiro público, e que pode ser facilmente visto por todos que chegam no cemitério. Já o cruzeiro da linha preta é utilizado somente para fazer oferendas mais densas que contenham carne e já presencie pessoas dizendo que iriam fazer um trabalho para o mal, evocando exu no cruzeiro preto.

3.2 Os túmulos da cigana Adélia, Marujo, Fernandinho e outros túmulos

O segundo rito mais comum do cemitério santo Antônio são as oferendas nas lápides de mortos milagrosos, isto é Adélia, Wilson e Fernandinho. No campo dos mortos, em Santo Antônio, há três túmulos que representam simultaneamente coletividades de almas atuantes na Umbanda e também caracterizam a história individual de uma entidade/espírito, é o caso do Marujo Wilson, da cigana e da criança Fernandinho. O túmulo do marujo ostenta um monumento funerário que aparenta ser a proa de um navio, e por isso este túmulo é associado às entidades de umbanda chamadas de marujos as quais utilizam bebida alcoólica como cerveja e o fumo. E na lápide do marujo Wilson há oferendas de cervejas e velas brancas. Algo semelhante ocorre na sepultura de Fernandinho, que morreu jovem e tem em sua lápide uma imagem de um menino brincando. Ele é associado às entidades Erês. os quais são espíritos de crianças que gostam de receber doces e refrigerante como oferendas. E devido a isso a lápide de Fernandinho é repleta de balas, guaraná e outras

guloseimas.

O túmulo da Cigana tem a cor amarelo ouro e faz referência ao ouro que é um objeto apreciado pela linha de entidades. As oferendas deixadas em seu túmulo são esmaltes e batons vermelhos, muitas pulseiras, anéis coloridos e dourados, perfumes, espelhos, leques, frutas, champanhe, cerveja, velas de todas as cores. Os umbandistas veem a Adélia como uma entidade da linha cigana e como uma antiga pertencente aos grupos étnicos ciganos e que podem fazer o bem ou o mal, uma visão mais flexível da Cigana. Na cosmologia da Umbanda os ciganos são entidades religiosas que atuam na linha do oriente, porém alguns entrevistados associam entidade ciganas às pomba-gira. Portanto, o monumento do túmulo, sua cor, formato e estrutura física no geral, se relaciona com o tipo de entidade que se manifesta nesta lápide e quais oferendas serão entregues. Há relação direta entre espaço, entidade e tipo de oferenda.

Sobre a sequência de gestos ritualísticos que são feitos diante do túmulo pode-se dizer que os umbandistas que vão até o túmulo da Cigana Adélia primeiramente tocam o túmulo de alguma forma, podem colocar a mão da foto de Adélia, ou bater 3 vezes na lápide, é uma forma de saudação. Em seguida fazem uma oração e conversam mentalmente com a Cigana como é o caso do devoto Toninho Cigano, que disse que a Cigana é uma amiga. Alguns umbandistas também cantam pontos de entidade cigana ou pomba-gira. Durante a conversa entre umbandista e a entidade Adélia, é apresentado o motivo pelo qual a pessoa foi até o túmulo. Assim, a pessoa conta suas angústias para a cigana e pede ajuda. Outra possibilidade é que a pessoa esteja ali apenas para agradecer. Depois disso, eles entregam as oferendas e o primeiro a ser feito é acender as velas e em seguida as outras oferendas são cuidadosamente colocadas sobre o túmulo. Todo ritual feito no túmulo da Cigana Adélia é desenvolvido para pedir algo à entidade, seja um emprego, sorte no amor, saúde.

Nos túmulos do Marujo Wilson e do Erê Fernandinho a sequência de gestos que compõem o ritual é semelhante ao que ocorre no túmulo da cigana. Primeiro os umbandistas cumprimentam a entidade ao tocar no túmulo, depois fazem seus pedidos e/ou agradecimentos através de uma conversa e por fim entregam as oferendas. Vale destacar que, é possível realizar rituais umbandistas em qualquer túmulo do cemitério e as oferendas entregues nestes túmulos serão destinadas à exu. Os objetos ofertados são

bebidas alcoólicas, carne e velas. Esta informação foi fornecida pelo entrevistado Ricardo José.

3.3 Atravessando os portões do cemitério: oferendas em áreas fronteiriças

Os ritos do portão são exclusivamente umbandistas, e não desenvolveram nenhum hibridismo com rituais católicos. O portão de um cemitério um ponto de força de exu, obaluae- omolu, iansa das almas, nana, ogum mege e ogum de ronda. Mas ressalto que as principais forças saudadas no portão são de exu e obaluae, e destaca-se que o orixá obaluae-Omulu é o que exerce regência central do cemitério. Exu é guardião e está presente nas portas dos terreiros, e também, na porta do cemitério, e é uma entidade que atua em locais de passagem, nas fronteiras que dividem campos.

A frequência destes rituais é baixa, de forma que poucas vezes encontrei as oferendas nos portões durante dois anos de visitas contínuas ao cemitério. O único portão do cemitério que recebe oferendas fica localizado na rua lateral do cemitério, onde há uma menor circulação de pessoas e carros. As oferendas são sempre entregues em alguidares que possuem em seu interior comidas como farofa, azeite de dendê e galinha. Ressaltando que a comida são alimentos do corpo físico e simbolizam a vida. Ao lado do alguidar era comum encontrar champanhe, cachaça, rosas vermelhas e velas pretas e/ou vermelhas. Esse tipo de elementos são típicas oferendas entregues à exu e pomba-gira, segundo a perspectiva dos entrevistados. Além disso, moedas podem ser ofertadas no portão e direcionadas a Obaluaê.

Durante a pesquisa de campo nunca pude observar um processo de entrega de oferendas a exu no portão, talvez porque esses tipos ritos de fato eram raros e quando ocorriam deveriam ser feitos a noite ou na madrugada, momento no qual eu não estava circulando dentro do cemitério. E em entrevistas também não localizei alguém que afirmava fazer oferendas para exu e pomba-gira no portão daquele cemitério e por isso não puder averiguar quais são os objetivos de fazer um rito para exu no portão da calunga pequena. Por outro lado, o umbandista Leonardo me relatou quais gestos ele fazia ao passar pelo portão do cemitério. Com a intensão de saudar Obaluaê, Leonardo deixava algumas moedas no chão e batia com a mão no portão. ao chegar no cemitério. Tais atitudes são formas de demonstrar respeito, de pedir licença para entrar na casa do orixá e t solicitar

proteção. Leonardo sauda Obaluaê-Omulu quando entre e quando sai do campo dos mortos. As outras formas de saudar e ritualizar para os outros orixás conectados com o portão do cemitério é apenas chamar pelos nomes de Nanã, Iansã das almas, ogum mege e ogum de ronda e pedir licença e proteção para entrar no cemitério.

Considerações Finais

A visão umbandista sobre o cemitério resulta de um hibridismo com o catolicismo. Assim umbandistas se apropriam de ritos católicos como o culto às almas do cruzeiro e da homenagem aos mortos no Dia de Finados para cultuar orixás e entidades como exu e preto velho e erês. A calunga pequena é uma síntese de valores brancos, negros e indígenas, síntese protagonizada pela umbanda de forma a possibilitar um espaço público que permite a coexistência da diversidade de crença religiosa. A umbanda em sua versatilidade e habilidade ao diálogo consegue coexistir com o catolicismo e inserir novas práticas religiosas de matriz negra no cemitério, o tornando um lugar de diversidade e por isso público. A hibridização entre catolicismo e umbanda torna o cemitério um espaço público rico em multiplicidade.

O espaço público deve ser um local de multiplicidades e hibridismos e trocas salutares e a umbanda tem positivamente uma habilidade de se fundir com outras religiões e valores. E assim, consegue desenvolver uma resistência e permanência cultural negra e indígena. Ressalto que, uma das facetas do hibridismo pode ser positiva e gerar a valorização de algo que é marginal, porém, é notório que os processos de hibridização cultural também são um campo de disputas e de apagamento da margem. Em resumo, há múltiplos ângulos para analisar o hibridismo. Trago um contexto, onde o hibridismo entre catolicismo e umbanda torna-se elemento motor para a permanência da religião umbandista. Destaco que um dos argumentos centrais do artigo é enfatizar que a capacidade da umbanda de se misturar é positiva é uma forma de manter viva práticas socialmente marginalizadas. A habilidade de se misturar às práticas hegemônicas pode ser uma das formas de promover a continuidade e sobrevivência daquele que inicia o hibridismo, e assim quem se isola torna-se enfraquecido, ausente de força dialógica. De fato, trocas e hibridismos são atos que movem sistemas culturais.

A umbanda também torna o cemitério um lugar público na medida em que valoriza

diferente identidades. A Umbanda fomenta no processo de democratização etnocultural do Brasil, tendo práticas religiosas e entidades que valorizam os índios, negros, ciganos, boiadeiros, e assim esta religião atua em prol da variedade étnica e cultural que compõe a nação brasileira. A Umbanda é transgressora, pois evoca e ressignifica identidades marginais. Os ritos umbandistas reverenciam os esquecidos (as minorias étnicas e sociais) e os tornam memoráveis, incorporando membros que antes eram rejeitados na história do país e identidade brasileira. Dessa forma, os ritos no cemitério permitem a lembrança dessas identidades marginais e assim atuam como força social possibilitadora da permanência cultural indígena e negra.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi K.O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas—estratégias para entrar e sair da modernidade.4.ed. São Paulo: UNESP, 2011.

DAMATTA, Roberto. A Casa & a Rua- Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Ed Rocco Ltda, RJ, 2000.

DIAS, Carina Monteiro. “Chuta que é macumba”: a marginalização das práticas de batuque nos espaços públicos de Caxias do sul. pp. 16 a 21, IV Jornada de Educação, Meio Ambiente e Cultura de Paz: 10 e 11 de dez de 2018

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

INDOVINA, Francesco. O espaço público: Tópicos sobre a sua Mudança. Cidades-Comunidades e Territórios, nº 5, pp 119-123, dez 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, José Carlos. (1983) Tabu da Morte. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz,2006.

SERPA, Angelo. Espaço Público e acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. GEOUSP, Espaço e Tempo, São Paulo, nº 15, pp 21-37, 2004.

SOUSA, Leila Lima de. O processo de hibridação cultural: prós e contras. Revista Temática. UFPB, Ano IX, n.03- março /2012.